

Identidade, literatura e racismo: a invisibilidade de Luiz Gama no livro didático

Márcia Moreira Custódio¹

RESUMO

No campo de discussão da Lei nº 10.639/2003, o livro didático constitui-se uma importante ferramenta no processo de formação identitária, no que concerne à valorização da identidade negra, pela possibilidade de evocar uma memória histórico-cultural afirmativa do sujeito negro. Uma vez que a vida e a obra de Luiz Gama presentificam o discurso da negritude nas esferas social, política e cultural do século XIX, este artigo problematiza um livro de Língua Portuguesa, por invisibilizar o referido autor na apresentação dos poetas do conteúdo do Romantismo no Brasil. A análise, de cunho bibliográfico, documental e qualitativo, respalda-se no pensamento de Hall (2003), Munanga (2005; 2020), Chartier (2002), Cuti (2010), Ferreira (2000) entre outros. Como resultado, verificou-se que a obnubilação de autoria negra no conteúdo do Romantismo assinala um viés racista ao referido livro didático e aponta para a urgência na construção de ações voltadas para a desconstrução da discriminação no livro didático.

Palavras-chave: Lei nº 10.639/2003; Luiz Gama; Romantismo; Livro didático.

ABSTRACT

Within the scope of Law nº 10.639/2003, the textbook constitutes an important tool in the process of identity formation, with regard to the valorization of Black identity, due to the possibility of evoking an affirmative historical-cultural memory of the black subject. Due to the fact that the life and work of Luiz Gama make present the discourse of blackness in the social, political and cultural spheres of the 19th century, this article problematizes a Portuguese Language book, for making the aforementioned author invisible in the presentation of the poets in the content of Romanticism in Brazil. The analysis, of a bibliographic, documentary and qualitative nature, is guided by authors such as Hall (2003), Munanga (2005; 2020), Chartier (2002), Cuti (2010), Ferreira (2000) among others. As a result, it was found that the blurring of Black authorship in the content of Romanticism signals a racist bias to that textbook and points to the urgency of building actions aimed at deconstructing discrimination in the textbook.

KEY WORDS

Law nº 10.639/2003; Luiz Gama; Romanticism; Textbook.

¹ Doutora em Letras/Estudos Literários pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Professora EBTB do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais – IFNMG – *Campus Pirapora*. E-mail: marcia.custodio@ifnmg.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9168-6367>.



1. Introdução

O interesse pela temática dessa investigação nasceu das inquietações da pesquisadora que produz este artigo, que é docente de Língua Portuguesa e, portanto, lida diariamente com a invisibilidade de autoria negra na estética literária oitocentista dos livros didáticos de Língua Portuguesa, especialmente no que tange à poesia romântica. Ora, na base de uma educação antirracista, sendo o livro didático um instrumento de apoio ao desenvolvimento de sua prática diária no processo de ensino-aprendizagem, a pesquisadora o percebe como uma potencial fonte de (re)construção identitária.

No entanto, mesmo com a aprovação da Lei nº 10.639/2013, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação que inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da presença da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Africana", sendo a Literatura uma das áreas a destacar a temática, percebe-se que nem todos os livros didáticos voltados para a Educação Básica aplicam com efetividade o dispositivo legal no que concerne à valorização do negro na história e na cultura brasileira no conteúdo da literatura oitocentista. A implementação da referida lei se configura uma forma de reparação histórica, por ter sido invisibilizada na história de desenvolvimento do Brasil a contribuição do negro na formação político, histórico e social da nação.

Embora a referida legislação esteja contribuindo para a construção de um ambiente favorável a uma presença mais significativa do sujeito negro nos campos epistemológico e da representação, nota-se que ainda há materiais didáticos de língua portuguesa que inviabilizam a presença do sujeito negro na epistemologia literária, o que se verifica no Volume 2 da coleção intitulada "Português Contemporâneo: Diálogo, reflexão e uso", da editora Saraiva (CEREJA; DIAS VIANNA; DAMIEN, 2016)

Em vista disso, este artigo problematiza a ausência de Luiz Gama no referido livro didático. O tecido textual inicia com uma breve contextualização do Romantismo no Brasil, explicitando como se caracterizou esse movimento dedicado à construção de uma identidade nacional. Na sequência, será averiguada no conteúdo de literatura brasileira do período do

175



Romantismo a seleção de autoria negra na poesia trazida pelo livro didático objeto de estudo. E, por fim, consolidamos, evidenciando a rubrica da negritude de Luiz Gama na trajetória de vida desse autor, trazendo ainda para o debate textos extraídos de sua única obra literária, *Primeiras trovas burlescas de Getulino* (2000), apontando no discurso poético de Gama traços expressivos de valorização da identidade negra, de resistência e de autoafirmação.

2. Romantismo e exclusão

A reflexão de Antonio Candido a respeito do potencial da literatura de atuar no processo de humanização do sujeito, ou seja, na constituição da identidade, a ponto de em “O direito à literatura” (1995) o intelectual apontar o acesso ao literário como parte dos direitos humanos. No entanto, diante da exclusão de autoria negra e da construção negativa do negro no campo da representação, é inevitável refletir a respeito da ambiguidade da função social da literatura, pois, como produtora e propagadora de bens culturais, opera também para o processo da desumanização.

Segundo Hall (2003), “as culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades” (HALL, 2003, p. 51). Ora, se na literatura oitocentista o sujeito negro não só fora inviabilizado de participar da arena de produção, tendo sua voz silenciada, como também recebera uma representação eivada de estereótipos negativos, logo fora excluído como elemento de formação identitária nacional daquele período. Conforme explicita Hall (2003), a identidade é construída por meio de sentidos “contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas” (HALL, 2003, p. 51).

Com efeito, na literatura brasileira, a perspectiva ocidental atuou na construção de uma narrativa de inferiorização do negro no campo da representação, negando-lhes um lugar de humanidade ao longo da história, ao mesmo em tempo que obnubilou o trabalho de autoria negra. Tal violência simbólica operada no campo da literatura se delineou por meio de interdições sociais e de construção de estereótipos negativos na representação que até hoje afetam a constituição identitária do sujeito negro. Para Woodward (2007), “as identidades são



fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social” (WOODWARD, 2007, p. 39). Diante disso, é oportuno trazer o pensamento de Benjamin (2012) quando afirma:

Todos os bens culturais devem sua existência não somente ao esforço dos grandes gênios que os criaram, mas também à servidão anônima dos seus contemporâneos. Nunca houve um documento da cultura que não fosse simultaneamente um documento da barbárie. E, assim como o próprio bem cultural não é isento de barbárie, tampouco o é o processo de transmissão em que foi passado adiante. (BENJAMIN, 2012, p. 245).

E quando se trata de produção literária romântica, a barbárie se acentua, uma vez que o apagamento da origem nos dias atuais. Ora, ancoradas na historicidade de sua produção, as obras do Romantismo brasileiro, escola literária empenhada em forjar uma construção de uma identidade nacional, traduzem o sistema de exclusão, pois a ideia de nação cultivada por essa estética representa um modelo hermético, centrada nos ideais de nação europeizada. Tal como afirma Chartier (2002), “representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam” (CHARTIER, 2002, p. 17). Na mesma direção Hall (2003) diz que “na verdade, as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*” (HALL, 2003, p. 48). Nesse sentido, pode-se compreender que a literatura, sendo um sistema cultural de representação, opera no imaginário social para a legitimação de valores identitários, uma vez que “as culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações” (HALL, 2003, p. 50). Compreende-se, portanto, que

a problemática do ‘mundo como representação’, moldado através das séries de discursos que o apreendem e o estruturam, conduz obrigatoriamente a uma reflexão sobre o modo como uma figuração desse tipo pode ser apropriada pelos leitores dos textos (ou das imagens) que dão a ver e pensar o real. (CHARTIER, 2002, pp. 23-24).



Portanto o Romantismo, sendo um movimento cultivado durante o período de vigência da escravidão no país, atuou tanto para a inferiorização como para a invisibilidade do negro na formação identitária da nação, conforme questiona Martins (1996):

E o negro? O Romantismo faz dele o elemento invisível da sociedade brasileira. É lógico que ele estava ali, presente todo o tempo, como maioria da população que era em princípios do século XIX. Mas em que obra literária em que se procure retratar o mundo brasileiro (romance, drama) sua realidade aparece como tal no Brasil de então? A “invisibilidade” do negro é de tal natureza que nem como objeto ele chega a ser percebido. (MARTINS, 1996, p. 89).

Nota-se que ao se pensar na dimensão histórica o campo da literatura na medida em que descarta o sujeito negro como elemento formador da identidade nacional não reconhece seu papel no processo de desenvolvimento da nação. Embora o negro estivesse na literatura, esta, pelo seu caráter eurocêntrico, reservou a ele o lugar de uma representação preconceituosa, sob o viés da comiseração e da desumanização, conforme explica Cuti (2010):

Até então, nesse contexto, os descendentes de escravizados são utilizados como temática literária predominantemente pelo viés do preconceito e da comiseração. A escravização havia coisificado os africanos e sua descendência. A literatura, como reflexo e reforço das relações tanto sociais quanto de poder, atuará no mesmo sentido ao caracterizar as personagens negras, negando-lhes a complexidade e, portanto, humanidade. (CUTI, 2010, p. 16).

Vale destacar que “o afastamento e a destruição da consciência histórica eram uma das estratégias utilizadas pela escravidão e pela colonização para destruir a memória coletiva dos escravizados e colonizados” (MUNANGA, 2020, p. 12). Tal prática levou à invisibilidade da produção de autoria negra e, conseqüentemente, à inviabilidade da publicação de obras negras.

3. Livro didático e exclusão

Conforme foi desenvolvido no capítulo anterior, vê-se que, embora a sociedade brasileira seja constituída pela pluralidade étnico-cultural, nos discursos de formação e de afirmação identitária de nação a diversidade étnica - os negros e indígenas, entre outros grupos sociais - ficou à margem, vitimada pelo racismo, que “se expressa concretamente como desigualdade política, econômica e jurídica” (ALMEIDA, 2019, p. 50). Desse modo, baseado no



fator “raça”, violências como desigualdade, segregação e genocídio são naturalizados e legitimados por uma estrutura social que “como processo histórico e político, cria as condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática” (ALMEIDA, 2019, p. 51). Segundo Hall (2003, p. 63), “a raça é uma categoria discursiva e não uma categoria biológica”. Nesse sentido, fica nítido que, não tendo a raça um respaldo científico, a opressão sobre o sujeito negro busca sua legitimidade na inferiorização do fenótipo negro. Conforme explica Munanga (2020), “os negros não foram colonizados porque são negros; ao contrário, na tomada de suas terras e na expropriação de sua força de trabalho, com vista à expansão colonial, é que se tornaram pretos” (MUNANGA, 2020, p. 76).

Uma vez que as instituições operam na “materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos” (ALMEIDA, 2019, p. 47), o racismo se manifesta na escola não só no âmbito das relações sociais, mas também pelas desigualdades educacionais, econômicas e sociais entre brancos e negros, tendo, entre suas materialidades, o epistemicídio² negro, caracterizado pela invisibilidade dos/das negro/as, ou na sua representação estereotipada ou na sub-representação nos livros didáticos e na literatura.

Tal como explica Razzini (2001), como artefato social e cultural, “o livro didático torna-se material de pesquisa privilegiado, quer seja como fonte documental na definição de práticas do passado, quer seja como representação de tais práticas” (RAZZINI, 2001, p. 94). Desse modo, essa ferramenta didática traz consigo o papel de legalizador, operando na legitimação de saberes demarcados como importantes, bem como as representações de operação desses saberes pelos sujeitos que são reconhecidos como representantes legítimos de performance social.

² Usando aqui a definição do sociólogo Boaventura de Souza Santos, o epistemicídio se caracteriza pela “destruição de algumas formas de saber locais, à inferiorização de outros, desperdiçando-se, em nome dos desígnios do colonialismo, a riqueza de perspectivas presente na diversidade cultural e nas multifacetadas visões do mundo por elas protagonizadas” (SANTOS; MENESES, 2009, p. 183).



Ora, pelo fato de o livro didático constituir-se numa ferramenta de materialização das políticas públicas em âmbito curricular no que tange aos conteúdos ensinados na escola, a seleção de informações que privilegiem a ausência criativa e a sub-representatividade de pessoas negras, em detrimento de uma memória negra positiva, conferem oficialidade a esses discursos.

A dimensão de tal violência simbólica reverbera na autoavaliação intelectual, física, histórico-cultural e psicológica que as pessoas negras nutrem sobre si mesmas, afetando a formação identitária do sujeito negro. Como aponta Silva (2005),

A invisibilidade e o recalque dos valores históricos e culturais de um povo, bem como a inferiorização dos seus atributos adscritivos, através de estereótipos, conduz esse povo, na maioria das vezes, a desenvolver comportamentos de auto rejeição, resultando em rejeição e negação dos seus valores culturais e em preferência pela estética e valores culturais dos grupos sociais valorizados nas representações. (SILVA, 2005, p. 22).

Uma vez que o livro didático, enquanto construção social de discursos e imagens históricas, corrobora visões de mundo eurocêntricas que inferiorizam e excluem pessoas negras no Brasil, expressa e reverbera o racismo dos autores que o produziram e da instituição que o acolheu como material a ser distribuído nas escolas.

Diante disso, a atuação dos movimentos negros desenvolveu diversas estratégias de luta pela superação do racismo, o que, no âmbito da Educação, culminou com a aprovação da Lei nº 10.639/2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação que inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da presença da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Africana", sendo a Literatura uma das áreas indicadas a destacar tal temática.

De acordo com Duarte (2014), "a instituição de mecanismos como a Lei nº 10.639/2003 ou as ações afirmativas vêm contribuindo para a construção de um ambiente favorável a uma presença mais significativa das artes marcadas pelo pertencimento étnico afrodescendente" (DUARTE, 2014, p. 20). No entanto, é visível que nem todos os autores de livros didáticos voltados para a Educação Básica aplicam com efetividade o dispositivo legal no que concerne à contribuição do negro na história e na cultura brasileira nos conteúdos que selecionam.



Quando se trata do conteúdo de literatura oitocentista, a exclusão do negro é notória nos livros didáticos, seja pela ausência de autoria negra, seja pela sua representação estereotipada nos textos literários. Ora, a produção poética de Luiz Gama se situa cronologicamente no período de vigência dessa estética no Brasil e seu trabalho constitui o que há de mais original na poética da negritude daquele momento histórico brasileiro.

O esquecimento de Luís Gama deve-se, em grande parte, a dois fatores fundamentais que regem a interpretação da História do Brasil: 1. a oficialização de um grupo de abolicionistas brancos (“13 de maio”) como únicos responsáveis pelo movimento e conseqüente desconhecimento do esforço negro (“Zumbi”) na Abolição; 2. literariamente, a preocupação arianizante que privilegia uma ideologia indianista como formadora da identidade brasileira, em detrimento da aceitação de uma contribuição negra. (HEITOR MARTINS, 1996, p. 88).

Por ser Gama um intelectual negro republicano liberal que participa ativamente de um contexto de fim da escravidão no Brasil Império, momento em que a literatura importa da Europa teorias biológicas racistas antinegras, sua voz constitui resistência, portanto deve ser destacada.

No âmbito da literatura da qual ela faz parte, destacá-la transcende o fato de chamar a atenção de pessoas de pele escura. Destacá-la é revelar o que o Brasil esconde de si mesmo pela ação do racismo do qual a cultura nacional está impregnada, como também alertar para o como a reação escrita de uma subjetividade subjugada redundou e redundará na prática de formas que atendam não ao chamado de uma herança africana mas à necessidade de uma ruptura com o processo de alienação que o racismo provoca. (CUTI, 2010, pp. 45-46).

Para além de se produzir um livro didático com o conteúdo coerente com a Lei nº 10.639/2003, acolher Luiz Gama no conteúdo de literatura é romper com o silêncio ou escamoteamento da contribuição intelectual dos negros na formação da literatura nacional, de modo a reparar o lugar destes sujeitos na história. Sobre a genialidade desse autor, Heitor Martins (1996) destaca que

Luís Gama, se não de toda literatura brasileira, é pelo menos o mais importante poeta satírico do Romantismo. E também: num momento em que se defendia a ideia de buscar os elementos formadores da identidade nacional (base ideológica do Indianismo), é ele o único de nossos intelectuais a tomar uma atitude de equilíbrio, ao afirmar a participação negra, pelo uso de uma estética que privilegia o elemento negro, e pela inserção em sua poesia de um significativo acervo do léxico afro-brasileiro. (HEITOR MARTINS, 1996, p. 88).



Nessa perspectiva, foi analisado o conteúdo voltado para o Romantismo Poesia do livro didático *Português Contemporâneo: Diálogo, reflexão e uso*, da editora Saraiva (CEREJA; DIAS VIANNA; DAMIEN, 2016), problematizando a ausência de Luiz Gama na abordagem dessa escola literária.

Embora o processo investigativo do livro didático objeto desse estudo tenha tomado como recorte o conteúdo de Literatura Poesia, a apresentação da estrutura deste material didático é necessária para se entender que se trata de um livro que abarca conteúdos de Literatura, Gramática e Produção de textos. A estrutura do livro o divide em 04 Unidades temáticas, com 03 capítulos cada uma. Os capítulos, por sua vez, são subdivididos em 03 tópicos - Literatura, Língua e linguagem, Produção de texto –, com os conteúdos abordados em forma de seções que ora focam na análise de texto escrito, ora na análise de imagem, ora no diálogo entre textos, áreas do conhecimento e/ou gêneros textuais diferentes.

Na Unidade 01, o conteúdo referente à Literatura se encontra no primeiro capítulo, abordando o Romantismo em seu contexto de produção e recepção. Apoiando-se na análise de uma tela do pintor alemão Caspar Friedrich, a seção “Foco na imagem” introduz as características dessa escola literária para, em seguida, relacionar a pintura ao contexto de produção e recepção do Romantismo no cenário europeu, os meios de circulação da estética romântica no Brasil e a visão de mundo marcada por esse movimento. Na seção “Foco no texto”, o livro traz como atividade a análise de um fragmento do poema épico “I-Juca-Pirama”, de Gonçalves Dias, e de um trecho do poema “A T...”, de Álvares de Azevedo. Por fim, o capítulo encerra a primeira parte do Romantismo com a seção “Entre Saberes”, apresentando textos e questões das áreas da filosofia, da história e da literatura, relacionando o Romantismo à Revolução Industrial, à Revolução Francesa e ao pensamento de Rosseau. Em nenhum tópico deste capítulo foi mencionado o sujeito negro.

O capítulo 3 dessa unidade, intitulado “Literatura: A poesia de Castro Alves”, é todo dedicado à Terceira Geração Romântica, tendo Castro Alves como o único representante da estética condoreira no Brasil. É fato que, embora Gama não seja citado,



o divisor de águas na dicção negra se dá ainda em um momento anterior à poesia abolicionista que fez eclodir a obra de Castro Alves. São os versos de Luiz Gama que configuram um “eu” lírico negro. O autor traça um lugar diferenciado de emanação do discurso, demarca um ponto de subjetividade não apenas individual, mas coletivo. (CUTI, 2010, p. 66).

No entanto, no livro didático em questão, Castro Alves é privilegiado não só como o principal autor defensor da temática abolicionista, mas também como o único representante da poesia lírica da terceira geração romântica. Reforçando o estereótipo, a subalternidade negra e a escravização, paralelamente à biografia de Castro Alves, são apresentadas imagens e informações em boxes. Dentre eles está a imagem de uma cena do filme “12 anos de escravidão”, em outro é apresentada a letra da canção “Todo camburão tem um pouco de navio negreiro”, do grupo Rappa; junto com um resumo há uma imagem da capa do romance *A cabana do pai Tomás*, da estadunidense Harriet Beecher Stowe. Por fim, ocupando quase metade de uma página, seguido de uma sinopse, é exibida uma imagem de uma cena do filme estadunidense “Selma – Uma luta pela igualdade”, na qual o ator que representa o herói Martin Luther King se encontra em pé à frente de pessoas brancas e negras ajoelhadas. A seção “Foco no texto” é a análise de um trecho da 5ª parte de “O navio negreiro – Tragédia no mar”, do poeta Castro Alves.

Ao tratar da lírica de Castro Alves na atividade referente à Terceira Geração Romântica, tem-se o poema “O ‘adeus’ de Tereza”, no qual há um eu lírico que surpreende Teresa, seu antigo amor, em um novo relacionamento amoroso: “Entrei... Ela me olhou branca... surpresa!” (grifo meu). Ao lado do poema encontra-se a imagem da tela *Lady Lilith* (1868), do pintor Dante Gabriel Charles Rossetti, na qual vê-se rodeada de flores uma mulher branca, sentada, segurando os cabelos compridos num tom acaju, com traços europeizados. No final do conteúdo, talvez para dialogar com a reflexão a respeito da corporeidade feminina na lírica de Castro Alves, é disponibilizada uma tela, *Arrufos* (1887), do pintor Belmiro de Almeida.

Em vista da análise, apreende-se que na estética romântica o livro privilegia o sujeito branco, dando-lhe lugar de destaque, seja no campo da produção, seja no da representação, em detrimento da autoria negra, pois, além de não apresentar escritor negro, no campo da representação evidencia o sujeito negro na condição de escravizado impotente diante da



violência que sofre. Desse modo, o livro didático opera para a exclusão dos negros no campo produtivo literário e para sua desumanização, indo ao encontro do que afirma Munanga (2005): “os livros e outros materiais didáticos visuais e audiovisuais carregam os mesmos conteúdos viciados, depreciativos e preconceituosos em relação aos povos e culturas não oriundos do mundo ocidental” (MUNANGA, 2005, p. 15).

4. Luiz Gama e a poética da negritude

Os textos poéticos de Luiz Gama (1830-1882), editados no livro *Primeiras trovas burlescas de Getulino*, foram primeiramente publicados no ano de 1859, em São Paulo. Nessa primeira edição, a obra traz vinte e duas composições de Gama e três poemas do professor José Bonifácio, um amigo do autor. Em 1861, no Rio de Janeiro, é lançada a segunda e última edição, composta de “trinta e nove poemas, dos quais vinte inéditos. Três poemas da edição anterior foram excluídos [...]” (FERREIRA, 2000, p. XXV). Passados 141 anos desde a primeira publicação, no ano de 2000, Lígia Fonseca Ferreira, na obra intitulada *Primeiras trovas burlescas & outros poemas*, compila 51 textos poéticos de Gama, acrescentando aos textos das edições anteriores poemas publicados na imprensa paulistana de 1864 até 1876.

Esse homem negro, filho de uma africana livre e de um fidalgo branco português, nascido em Salvador-BA, aos 12 anos fora vendido como escravo pelo próprio pai, sendo levado para São Paulo em 1840. Se na condição de escravizado fora-lhe negado “saber e instrução, naquele homem dotado de inteligência bruta e prodigiosa memória, a liberdade reforçou a ânsia de alcançá-los” (FERREIRA, 2000, p. XV). Então, aos 18 anos conquista sua liberdade e, por ser autodidata, também alcança sua própria autonomia intelectual, inaugurando, aos 29 anos, com a publicação de *Primeiras trovas burlescas de Getulino*, sua entrada “no círculo restrito dos letrados, apossando-se como escritor de um privilégio exclusivo de brancos” (FERREIRA, 2000, p. XV).

Para além da arena literária, Gama participou da ebulição política de sua época, provando ser um republicano convicto e um liberal militante defensor da causa abolicionista.



Na vida pública atuou como jornalista, advogado, poeta, maçom e professor. Seus versos apresentam uma lírica singular de um fazer artístico engajado e comprometido não apenas com os ideários republicano e abolicionista, movimentos políticos e culturais de sua época, mas também com a afirmação identitária negra e com os ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Sobre a presença de Gama na arena literária, Ferreira (2000) ressalta que “no momento em que o negro-escravo começava a despontar como tema na poesia ou no romance, Gama fincaria uma voz diferenciada, a do ‘negro-autor’, até então ausente na literatura brasileira, antecipando-se a Cruz e Sousa e Lima Barreto” (FERREIRA, 2000, p. XV). Por isso, é notável a existência de fatores de transtextualidade que põem os versos de Gama como textos em relação, porque apontam para uma manifestação que sobressai o estético, pois participa do ético e do político sob a égide do ideário abolicionista, nos quais se imprimem a negritude poética, à luz do conceito de Munanga (2020), em *Negritude: usos e sentidos*, a saber:

A negritude e/ou a identidade negra se referem à história comum que liga de uma maneira ou de outra todos os grupos humanos que o olhar o mundo ocidental ‘branco’ reuniu sob o nome de negros. A negritude não se refere somente à cultura dos povos portadores da pele negra que de fato são todos culturalmente diferentes. Na realidade, o que esses grupos humanos têm fundamentalmente em comum não é como parece indicar o termo Negritude à cor a pele, mas sim o fato de terem sido na história vítimas das piores tentativas de desumanização e de terem sido suas culturas não apenas objeto de políticas sistemáticas de destruição, mas, mais do que isso, de ter sido simplesmente negada a existência dessas culturas. (MUNANGA, 2020, p. 19) (grifos do autor)

Com forte destaque na rubrica da negritude, os textos de Gama, para além do caráter estético, constituem fato político, cultural e ideológico. Pelos textos de Ferreira (2000), é importante ver, “[...] em pleno período romântico, um ex-escravo dar à luz uma obra essencialmente voltada para a sátira política e de costumes, colocando-se na postura de observador crítico do Segundo Império” (FERREIRA (2000, XVI), o que certifica o caráter original de Gama, cujo trabalho recebeu o “[...] reconhecimento e legitimação por parte de uma camada culta [...]” (FERREIRA, 2000, p. XXI) de sua época. Em suma, num contexto de crescimento do movimento abolicionista e de crise do Império, em que a questão racial constava na ordem do dia da agenda política nacional, a escrita de Gama traz uma abordagem desse processo, empreendendo no interior do percurso literário da sua obra um



comprometido com o ideário republicano, com o abolicionista e com o identitário. O denominador comum desta relação intensiva é o desejo desse homem negro proceder à sua própria leitura e interpretação de si e do seu contexto histórico de Brasil. Ainda sobre Gama, Ferreira (2000) destaca:

Autor de uma única obra, a partir de meados dos anos 1860, o jornalismo constitui-se para Luiz Gama em novo meio de expressão e militância. Depois das letras, demonstraria excepcional domínio de uma outra esfera de conhecimento reservada aos brancos, a ciência jurídica, código fundamental para seu combate à instituição escravagista. Luiz Gama foi um dos raros intelectuais do século XIX com formação autodidata, e dentre os pouquíssimos negros, o único a ter passada pela escravidão [...]. (FERREIRA, 2000, p. XV).

No campo restrito dos meios literários, a poética de Gama revela sua qualidade atual, abarcando os múltiplos conceitos de negritude que atuam na própria noção de literatura e de história do negro no Brasil, ao estabelecer uma nova visualidade literária para ele. Em Gama o termo político se conjuga com o poético. A literatura, a política e a história se entrelaçam nos textos de *Primeiras trovas burlescas de Getulino*, formando um conjunto que rompe os limites da arte, indo ao encontro do materialismo dialético, numa relação intensa entre vida e percurso literário de um homem negro que estabelece leitura e interpretação genuínas de seu tempo e de uma coletividade. Como destaca Ferreira (2000), “a postura estética e existencial de Luiz Gama permitiu-lhe propor, pela primeira vez na literatura brasileira, uma contra-ideologia aos dogmas do pensamento racial dominante [...]” (FERREIRA, 2000, p. XXIII).

Embora no meio jurídico e ideológico Gama gozasse de reconhecimento, devido à sua origem de classe e de raça esse negro escritor não partilhou do mesmo reconhecimento na arena literária. Mesmo partilhando da mesma ideologia política e liberal, nota-se que no que tange a crítica literária, destacam obras de autores brancos, da alta sociedade, provenientes de famílias escravocratas, distanciados dos negros, na classe e na raça, da principal matéria que lhes serve de referência, a saber, os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade.

No poema a seguir o eu-lírico, em redondilha maior, expõe a tristeza de um negro cativo, retratado na figura de um pássaro, o Coleirinho, cujo canto entoa para apaziguar a dor



por se encontrar na presente condição de escravizado. A gaiola é usada como metáfora da escravização. Nota-se na segunda estrofe a memória nostálgica dos tempos de liberdade, com destaque para a descrição da natureza: o dia claro com sol, montes, horizontes, quando desfrutava a presença do filho e da esposa. Num ritmo de gradação, as terceira e quarta estrofes iniciam a situação de negação vivida no presente, com ênfase para o “não” e “nem”. Destacando sua condição de escravizado, longe do palmares, “Hoje triste já não trinas”, ou seja, já não canta de alegria. Reforçando a dor da atual condição do Coleirinho, o poema fecha com a repetição da primeira estrofe.

COLEIRINHO

Assim o escravo agrilhado cana
(TÍBULO)

Canta, canta Coleirinho,
Canta, canta, o mal quebranta;
Canta, afoga mágoa tanta
Nessa voz de dor partida;
Chora, escravo, na gaiola
Terna esposa, o teu filhinho,
Que, sem pai, no agreste ninho,
Lá ficou sem ti, sem vida.

Quando a roixa aurora vinha
Manso e manso, além dos montes,
De oiro orlando os horizontes,
Matizando as crespas vagas,
- Junto ao filho, à meiga esposa
Docemente descantavas,
E na luz do sol banhavas
Finas penas – noutras plagas.

Hoje triste já não trinas,
Como outrora nos palmares;
Hoje, escravo, nos solares
Não te embala a dúlia brisa;
Nem se casa aos teus gorjeios
O gemer das gotas alvas
- Peles negras rochas calvas –
Da cascata que desliza.

Não te beija o filho tenro,
Não te inspira a fonte amena,
Nem da lua a luz serena
Vem teus ferros pratear.



Só de sombras carregado,
Da gaiola no poleiro
Vem o tredo cativoiro,
Mágoa e prantos acordar.

Canta, canta Coleirinho,
Canta, canta, o mal quebranta;
Canta, afoga mágoa tanta
Nessa voz de dor partida;
Chora, escravo na gaiola
Terna esposa, o teu filhinho,
Que sem pai, no agreste ninho,
Lá ficou sem ti, sem vida.
(GAMA, 2000, pp. 80-81).

Eis a subjetividade de Gama impressa no poema “Minha mãe”, no qual é possível ver a rubrica da negritude, por meio da crítica ao sistema da escravidão vigente no Brasil, pelo elogio ao fenótipo negro e valorização da Líbia (país de África).

MINHA MÃE

Minha mãe era mui bela,
- Eu me lembro tanto d’ela,
De tudo quando era seu!
Tenho em meu peito guardadas,
Suas palavras sagradas
C’os risos que ela me-deu
(Junqueira Freire)

Era mui bela e formosa,
Era a mais linda pretinha,
Da adusta Líbia rainha,
E no Brasil pobre escrava!
Oh, que saudades que eu tenho
Dos seus mimosos carinhos,
Quando c’os tenros filhinhos
Ela sorrindo brincava.

[...]

Se junto à Cruz penitente
A Deus orava contrita,
Tinha uma prece infinita
Como o dobrar do sineiro;
As lágrimas que brotavam
Eram pérolas sentidas,
Dos lindos olhos vertidas
Na terra do cativoiro.
(GAMA, 2000, pp. 150-152).



Trazendo uma epígrafe de Camões, o poema “Meus amores”, em versos decassílabos foi publicado em 1865 no jornal *Diabo Coxo*, sob o pseudônimo de Getulino. Esse texto pode ser lido como um dos primeiros poemas de exaltação da mulher negra. Nele, com elementos míticos, o eu-lírico evidencia o fenótipo negro, valorizando as partes do corpo feminino negro - a pele, os olhos, os dentes, os braços, a boca, os lábios, a cabeça, o colo, a cintura, os seios, os pés -, enegrecendo Tétis, ninfa da mitologia grega, elevando a tal ponto sua beleza, que chega a causar inveja a Vênus, deusa da mitologia romana comparada a Afrodite na mitologia grega.

MEUS AMORES

Pretidão de amor,
Tão bela figura
Que a neve lhe jura,
Que mudara a cor.
Camões - Endechas

Meus amores são lindos, cor da noite
Recamada de estrelas rutilante;
Tão formosa crioula, ou Tétis negra,
Tem por olhos dois astros cintilantes.

Em rubentes granada embutidas
Tem por dentes as pérolas mimosas,
Gotas de orvalho que o inverno gela
Nas breves pétalas de carmínea rosa.

Os braços torneados que alucinam,
Quando os move perluxa com langor.
A boca é roxo lírico abrindo a medo,
Dos lábios se distila o grato olor.

O colo de veludo Vênus bela
Trocara pelo seu, de inveja morta;
Da cintura nos quebros há luxúria
Que a filha de Cineras não suporta.

[...]

Dar cultos à beleza, amor aos peitos,
Sem vida que transponha a eternidade,
Bem que mostra que a sandice estava em voga
Quando Uranus gerou a humanidade.

Mas já que o fato iníquo não consente,
Que o amor, além da campa, faça vaza,
Ornemos de Cupido as santas aras,



Tu feita em fogareiro, eu feito embrasa.
(GAMA, 2000, pp. 243-245).

Na mesma linha de exaltação da mulher negra, na trilha do materialismo dialético, o poema a seguir, em redondilha maior, expressa, em tom sublime, idealizado e elevado, a figura da mulher negra cativa, misturados a elementos oníricos num ambiente etéreo, características cultivadas por poetas da segunda geração romântica, como Álvares de Azevedo.

Segundo Munanga (2020),

a recuperação da identidade começa pela aceitação dos atributos físicos de sua negritude antes de atingir os atributos culturais, mentais, intelectuais, morais e psicológicos, pois o corpo constitui a sede material de todos os aspectos da identidade. (MUNANGA, 2020, p. 19).

Observa-se que o eu-lírico, ao descrever a mulher desejada, procura ressaltar sua delicadeza e seu aspecto angelical, associando-a a elementos delicados e fluidos, como “De Anjo a boca, os lábios breves” e destaca também atributos físicos, como a beleza dos cabelos crespos, a cor negra da pele, os seios entre outros.

A CATIVA

Uma graça viva
Nos olhos lhe mora,
Para ser senhora
De quem é cativa
(CAMÕES)

Como era linda, meu Deus!
Não tinha da neve a cor,
Mas no moreno semblante
Brilhavam raios de amor.

Ledo o rosto, o mais formoso,
De trigueira coralina,
De Anjo a boca, os lábios breves
Cor de pálida cravina.

[...]

As madeixas crespas negras
Sobre o seio lhe pendiam,
Onde os castos pomos de ouro
Amorosos se escondiam.

Qual na rama enlanguescida[,]
Pudibunda[,] sensitiva,



Suspirando ela murmura:
Ai, senhor, eu sou cativa!...

Deu-me as costa, foi-se embora[,]
Qual da tarde ao arrebol[,]
Foge a sombra de uma nuvem[,]
Ao cair a luz do sol.
(GAMA, 2000, pp. 134-136).

No entanto, no poema acima, nota-se que a mulher inalcançável descrita pelo eu-lírico, diferentemente das mulheres descritas nos versos dos poetas presentes no livro didático analisado, não se trata de uma mulher branca, virgem pálida, cujo amor platônico ou distanciamento deriva de um sonho. Não, a mulher representada no poema “não tinha da neve a cor”, pois se trata de uma mulher negra, cuja “As madeixas crespas negras / Sobre o seio lhe pendiam”. E o motivo do distanciamento entre essa mulher de “castos pomos de ouro” e o eu-lírico é o fato de ela ser uma cativa.

No poema “Lá vai verso”, Gama, enunciando-se como negro, de forma irônica subverte a herança clássica, pois, não apenas recusa os deuses da mitologia Greco-romana, como também dialoga com a realidade político-social de seu tempo. O poema apresenta um eu-lírico negro que, tal como Camões em “Os Lusíadas”, invoca Ninfas – Musa da Guiné - para decantar os heróis da pátria, os “Altos feitos da gente *luminosa*, / Que a trapaça movendo portentosa / À mente assombra, e pasma à natureza!”. Subvertendo a estética clássica, tributária a referenciais estéticos e culturais da tradição grega, o negro eu-lírico – Orfeu da carapinha – despreza a lira dos clássicos e utiliza elementos da cultura africana como a “marimba”, o “cabaço *d’urucungo*” e “ciência da *candimba*”, realizando uma forte aproximação identitária com a África – Líbia adusta.

Notadamente do domínio da sátira, no poema “Lá vai verso”, de forma irônica o autor zomba da hipocrisia de figuras da sociedade por meio de trocadilhos, colocando os papéis sociais relacionados a adjetivos e ações pouco louváveis, como “Finórios traficantes – *patriotas*, / Espertos maganões, *de mão ligeira*, / Emproados juízes de *trapaça*”.



LÁ VAI VERSO!

Quero também ser poeta,
Bem pouco, ou nada me importa
Se a minha veia é discreta,
Se a via que sigo é torta.
(F. X. DE NOVAIS)

Alta noute, sentindo o meu bestunto
Pejado, qual vulcão de flama ardente,
Leve pluma empunhei, incontinenti
O fio das ideias fui traçando.
As Ninfas invoquei para que vissem
Do meu estro voraz o ardimento;
E depois, revoando ao firmamento,
Fossem do *Vate* o nome apregoando.

Ó Musa de Guiné, cor de azeviche,
Estátua de granito denegrido,
Ante quem o Leão se põe rendido,
Despido do furor de atroz braveza;
Empresta-me o cabaço *d'urucungo*,
Ensina-me a brandir tua marimba,
Inspira-me a ciência da *candimba*,
Às vias me conduz d'alta grandeza.

Quero a glória abater de antigos vates,
Do tempo dos heróis armipotentes;
Os Homeros, Camões – aurifulgentes,
Decantando os *Barões* da minha Pátria!
Quero gravar em lúcidas colunas
Obscuro poder da parvoíce,
E a fama levar da vil sandice
Às longínquas regiões da velha Bácia!

Quero que o mundo me encarando veja,
Um retumbante *Orfeu de carapinha*,
Que a Lira desprezando, por mesquinha,
Ao som decanta de Marimba augusta;
E, qual outro Arion entre os Delfins,
Os ávidos piratas embaindo –
As ferrenhas palhetas vai brandindo,
Com estilo que preza a Líbia adusta.

Com sabença profusa irei cantando
Altos feitos da gente *luminosa*,
Que a trapaça movendo portentosa
À mente assombra, e pasma à natureza!
Espertos eleitores de encomenda,
Deputados, Ministros, Senadores,
Galfarros[,] Diplomatas – chupadores,
De quem reza a cartilha de esperteza.



Caducas Tartarugas – desfrutáveis,
Velharrões tabaquentos – sem juízo,
Irrisórios fidalgos – *de improviso*,
Finórios traficantes – *patriotas*,
Espertos maganões, *de mão ligeira*,
Emproados juízes de *trapaça*,
E outros que de honrados têm *fumaça*,
Mas que são refinados agiotas.

Nem eu próprio à festança escaparei;
Com foros de Africano fidalgote,
Montado num Barão com ar de zote –
Ao rufo do tambor, e dos zabumbas,
Ao som de mil aplausos retumbantes,
Entre os netos da Ginga, meus parentes,
Pulando de prazer e de contentes –
Nas danças entrarei d'altas *caiumbas*.
(GAMA, 2000, pp. 10-12).

Pelas análises aqui perpetradas, veem-se que as imagens poéticas construídas por Luiz Gama produzem um discurso da negritude, à luz do pensamento de Munanga (2020), uma vez que no texto enuncia-se como negro, num discurso republicano, liberal e antiescravista a partir da exaltação da raça negra, da África e da cultura africana.

5. Considerações finais

A Lei nº 10.639/2003 vem contribuindo para a construção de um ambiente favorável a uma conscientização étnica que leva ao reforço identitário, do pertencimento e da valorização através de uma educação que se efetive rumo à igualdade e que rompa com a ignorância de julgar e conceber o ser humano pelas suas diferenças.

Ademais, vale destacar que a referida legislação baliza as reivindicações por reparação histórica no currículo diante das interdições seculares impostas à/ao intelectual negro/a e à sub-representação da população negra no Brasil, emergindo profundas inquietações a respeito da literatura e sua contribuição no processo de desumanização das minorias.

Nessa perspectiva, tal reivindicação perpassa os conteúdos do livro didático, cobrando a reintegração e a ressignificação da memória e da cultura negras aos seus lugares de



valoração e de direito, na busca do reconhecimento da produção negra e por uma representação positiva do sujeito negro na formação identitária nacional.

Diante do percurso de análise do apagamento de Luiz Gama no conteúdo do Romantismo do livro didático aqui empreendido, fica a pergunta de Benjamin (1987): “Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram?”. Nesse sentido, a urgência na inserção de Luiz Gama no livro didático pode ser compreendido como uma maneira de se “escovar a história a contrapelo” (BENJAMIN, 1987, p. 223).

6. Referências

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. 3. ed. Trad. Sérgio. Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense, 1987.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 2003.

_____. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília, DF: MEC, [s.d.], 2014.

CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: _____. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CEREJA, William Roberto; DIAS VIANNA, Carolina Assis; DAMIEN, Christiane Codenhoto. *Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso*, vol. 2. São Paulo: Saraiva, 2016.
CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. 2. ed. Tradução Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 2002.

CUTI, Luiz Silva. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DUARTE, Eduardo Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: _____. *Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XX*. Rio de Janeiro: Pallas, 2014. p. 17-45.

FERREIRA, Ligia Fonseca. Introdução. In: GAMA, Luiz. *Primeiras trovas burlescas e outros poemas*. Organização e introdução Ligia Fonseca Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.



GAMA, Luiz. *Primeiras trovas burlescas e outros poemas*. Organização e introdução Ligia Fonseca Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. 1. ed. atualizada. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

MARTINS, Heitor. Luis Gama e a consciência negra na literatura brasileira. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 17, 1996, p. 87-97. DOI: 10.9771/aa.v0i17.20858. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20858>. Acesso em: 13 mar. 2022.

MUNANGA, Kambegele (Org.). *Superando o racismo na escola*. Brasília: MEC/SECAD, 2005.
MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

RAZZINI, Márcia de Paula Gregório. O livro didático e a memória das práticas escolares. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE QUALIDADE NA EDUCAÇÃO: FORMAÇÃO DE PROFESSORES, 2002, Brasília, DF. Simpósio 6... Brasília, DF: MEC, 2001. v. 1, p. 94-102. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/vol1b.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa & MENESES, Maria de Paula (Orgs). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedida, 2009.

SILVA, Ana Célia da. A Desconstrução da Discriminação no Livro Didático in Superando o Racismo na escola. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). *Superando o racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença*. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, Vozes, 2007, p. 7 a 72.

